

a investigação sobre a receptividade que o teatro clássico tem granjeado de forma continuada no nosso país. Os registos encontram-se organizados por autor, o que permite aferir com relativa facilidade o acolhimento que tanto os grupos como o próprio público português têm concedido aos autores/temas mais representativos do teatro clássico.

Por conseguinte, fazemos votos de que este trabalho possa prosseguir por forma a descrever as futuras representações, já que o teatro clássico não deixará, por certo, de continuar a merecer a atenção dos agentes culturais e do público português.

ANTÓNIO ANDRADE

Manuel Alexandre Júnior, *Gramática de Grego, Lisboa, Alcalá — Sociedade Bíblica de Portugal, 2003, 436 pp.*

Fruto do imenso esforço de investigação e experiência de anos de ensino, o professor Manuel Alexandre Júnior, catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, deu à estampa em boa hora uma nova gramática de grego em português. Eis uma obra que vem colmatar uma necessidade, ultrapassada que está há muito nos meios classicistas a preferência pela gramática do Padre António Freire, em favor da de William Goodwin.

Após o prefácio (17-19) e as listas das abreviaturas de autores e obras utilizadas na gramática (20-21), é apresentada a introdução (23-31), na qual se traça breve panorama histórico da língua grega, expondo-se algumas das características mais marcantes do grego clássico e da *koinê* helenística. Descrevem-se algumas diferenças entre o grego clássico e helenístico, atendendo-se ainda a peculiaridades de uma forma particular deste último, o grego bíblico. A gramática propriamente divide-se em três partes: fonética (35-58); morfologia (61-164); sintaxe (165-357). Incluem-se na obra ainda dois apêndices: o primeiro é uma lista dos verbos de maior ocorrência nos textos clássicos e helenísticos (361-374). No segundo apêndice (375-394) são apresentadas noções elementares de retórica (uma das áreas de especialização do A.), em três domínios:

subsídios para a análise do discurso; virtudes e figuras de estilo; composição e coesão do discurso. Concluem o livro uma extensa bibliografia (395-412) e índices português (413-424) e grego (425-433).

A característica mais marcante deste trabalho será a amplitude e abrangência, desde logo, do *corpus* literário em que o labor do linguista actua. Com efeito, se em geral as gramáticas cobriam o funcionamento da língua a partir de Homero até à época clássica, esta vai mais além, até ao grego helenístico e examinando ainda o bíblico (vetero e neotestamentário), cobrindo ainda alguns papiros da época imperial. Isto porque o grego, pela sua própria dinâmica de língua transnacional e transcultural, foi recebida como falar cosmopolita por diversos povos, sendo por eles, por sua vez, e por influência dos seus próprios falares, enriquecida e transformada. Isto é verdade sobretudo com e após Alexandre o Grande. Por isso, a língua não é estudada em função de normas rígidas e restritas, mormente ao ático clássico, lançando as diferenças para a periferia de variantes dialectais não helénicas. A abrangência é notória ainda no tocante aos assuntos. São abordadas a história da língua e questões de género, estrutura, coesão, relação e contexto, e também de teoria retórica da composição e da hermenêutica do texto.

Toma por base de trabalho a comparação do grego clássico e da $\kappa\omicron\iota\nu$ helenística (17), e a génese da $\kappa\omicron\iota\nu$ é o dialecto ático. Ainda que a análise se concentre no período helenístico, a língua é vista como um todo, e nesse todo cabem com igual legitimidade todas as variantes. O panorama diacrónico coliga-se a uma abordagem sincrónica, numa visão como que de cima, como que vendo a língua na coexistência de todas as suas variedades e potencialidades, mas referenciando-se cada variedade e potencialidade a um tempo e ao “ambiente dos seus respectivos contextos linguístico, literário e cultural” (*ib.*). Casam-se assim os modelos da gramática tradicional com a linguística moderna, ou, por outras palavras, a estrutura de superfície com a semântica, colocando o todo ao serviço da exegese dos textos (18). Este pressuposto levou o Autor a seguir um plano de apresentação provido de exemplos que não apenas ilustram a aprendizagem das estruturas da língua como também

introduzem o leitor a um *corpus* de autores representativos (19). Como o faz M. Alexandre Júnior? Por exemplo, através das sínteses de descrição diacrónica do grego, sobre os dialectos e a relação destes com os géneros literários.

Outras qualidades tem este trabalho: a vasta bibliografia que o sustenta; o estudo acurado de alguns aspectos mais complexos da língua, como o das partículas; ou ainda a admirável síntese, tarefa ingente neste género de empreendimentos.

Não queremos evitar deixar uma questão e manifestar o sentimento de uma falta: a primeira, quanto à pertinência de um apêndice sobre retórica numa gramática. Ainda que entendamos a retórica como um sistema de hermenêutica de um texto, note-se que este estudo figura como apêndice, parecendo pois um tanto deslocado. Preferíamos que a gramática se restringisse a matéria linguística, merecendo a retórica obras de outro fôlego, ainda que se entenda o intuito desta inclusão: fornecer instrumentos para a exegese dos textos, sendo a gramática e a retórica dois desses instrumentos.

Pela forma como trata os assuntos, este livro deve mais à forma de um tratado do que ao de uma simples gramática. E cremos que ele será do maior interesse para todos os interessados na cultura, civilização e intelectualidade gregas e que a ela desejem aceder, através dos testemunhos apropriados, os autores.

RUI MIGUEL DE OLIVEIRA DUARTE

João Filipe Oliveira e António Esteves Joaquim, *Signum, Signi*, Porto, Porto Editora, 2004, 272 pp. [ISBN 972-0-40230-X]

Saúda-se vivamente a publicação de mais um manual de Latim para o Ensino Secundário, facto que, por si só, constitui um enriquecimento da oferta disponível, num mercado tradicionalmente parco neste tipo de propostas para a didáctica das línguas clássicas.

O manual *Signum, Signi*, adequado às exigências programáticas em vigor no presente ano lectivo, destaca-se desde logo pela boa apre-